



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Publicidade

Uso da poesia

Luana Gomes Gandra Coutinho

Brasília

Dezembro/2016



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Publicidade

Uso da poesia

Luana Gomes Gandra Coutinho

Projeto experimental apresentado à Faculdade de Comunicação da
Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em
Audiovisual.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Feijó

Brasília

Dezembro/2016



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Publicidade

Luana Gomes Gandra Coutinho

Projeto Experimental aprovado em ____/____/____ para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Audiovisual.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Feijó Rocha Lima (orientador)

Prof^a. Dr^a. Denise Moraes Cavalcante

Prof. Mauricio Fonteles

Prof. Ronald Jesus(suplente)

Brasília

Dezembro de 2016

Agradecimentos

Aos meus pais, Ana Luiza e Constâncio, pelo carinho, apoio e suporte.

À minha família e amigos pela companhia nesse caminho.

À Denise, Maurício e Ronald, por aceitarem compor a banca e participar desse projeto tão importante para mim.

À Júlia e Kildery por compartilharem seu talento e tempo comigo nessa construção.

À Jhady, Johan, Beatriz e Júlia que ajudaram a materializar minhas ideias.

Ao sempre presente e disposto orientador Marcelo Feijó.

Muito obrigada.

Às vezes ouço passar o vento; e só
de ouvir o vento passar, vale a
pena ter nascido.

Fernando Pessoa

Resumo

Uso da poesia é um projeto que procura retratar a singeleza e a simplicidade de momentos comuns, mas cheios de significado, através do audiovisual e da linguagem poética. A intenção é estimular o olhar atento e delicado do espectador, com influência da poesia de Manoel de Barros, além de inquietá-lo em relação ao papel do poético no cotidiano. O projeto é composto por um filme de um minuto e quarenta e oito segundos, suas cenas que podem ser assistidas individualmente e pelo site www.usodapoesia.com, onde o conteúdo pode ser acessado.

Palavras Chave: poesia, audiovisual, Manoel de Barros, linguagem poética

Abstract

Use of poetry is a project that seeks to portrait the singleness and simplicity of ordinary moments that are full of meaning through film and poetic speech. The purpose is to stimulate a careful and delicate look, influenced by Manoel de Barros' poetry, and to disturb the viewer about the role of the poetic in the daily life. The Project consists of one movie with one minute and forty eight seconds, its scenes that may be watched individually and the website www.usodapoesia.com, where the content can be accessed.

Key Words: poetry, audiovisual, Manoel de Barros, poetic speech

Sumário

1. Introdução	8
2. Problema de pesquisa	10
3. Justificativa	11
4. Objetivos	12
5. Referencial teórico	13
5.1 Manoel de Barros	13
5.2 Vídeo, arte e tecnologia	14
5.3 Poesia, vídeo e linguagem	16
6. Metodologia	19
6.1 Surgimento da ideia e escolha do formato	19
6.2 Construção da narrativa	21
6.3 Escolha do elenco e da equipe	22
6.4 Gravações	23
6.5 Pós-produção	28
6.6 Site	30
7. Considerações Finais	33
Referências	34
Anexos	36

1. INTRODUÇÃO

Esta memória de projeto experimental se propõe a apresentar o caminho prático e teórico percorrido no processo de criação de uma linguagem visual e de uma abordagem poética em um produto audiovisual. É um desafio escrever sobre esse processo tão único e desordenado, onde as coisas aconteciam simultaneamente e que acabou sendo permeado pela adaptação.

Uso da poesia é um produto composto por um filme em curta metragem, suas cenas, que funcionam individualmente como filmes curtíssimos, e um web site, que serve de plataforma para esses elementos. A intenção desse projeto é retratar momentos simples carregados de significado e emoção e que remetam a prazeres comuns, singelos e que carreguem beleza nos seus detalhes. Propõe-se uma visão poética do ordinário através de uma experiência contemplativa pela linguagem audiovisual. Procura-se estimular o olhar atento e cuidadoso do espectador o aproximando da experiência da poesia de Manoel de Barros.

Essa é uma produção de ficção e as cenas foram criadas e produzidas a fim de representar os momentos escolhidos subjetivamente através da inspiração da obra manoelina. Essa inspiração nasceu da poesia de Manoel de Barros e de seu olhar dos detalhes, sua criação de novas realidades através da linguagem do olhar. Além de uma influência narrativa, a linguagem poética influencia a forma de fazer filme desse projeto.

Como a obra de Manoel de Barros é uma obra extensa, foram escolhidas as obras *Livro Sobre Nada* e *Matéria de Poesia* como foco de estímulo e ligação com essa poética. Para favorecer ainda mais a relação da poesia com o projeto, selecionei trechos desses livros e criei um documento os agrupando.

O desejo de produzir me aproximou do poeta que esteve presente logo no meu primeiro semestre na UnB. Na disciplina Fundamentos da Linguagem Visual, uma das tarefas era escolher um trecho da poesia de Manoel de Barros do filme *Só Dez Por Cento é Mentira* de Pedro Cezar e fotografar algo na UnB

que se relacionasse com o trecho escolhido. A fotografia que resulta desse trabalho é esta abaixo.



Agora, nesse novo momento, quando tudo é diferente, recupero essa fagulha poética e espero ter trazido um pouco das coisas que aprendi na universidade e fora dela nesses anos que se passaram. Uso da Poesia nasceu da minha vontade de realizar, de criar um produto e de transmitir através dele beleza e encantamento. Quem sabe, ele possa também incentivar as pessoas a usar a poesia ao ver as coisas.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

Ao parar para examinar o cotidiano, percebi que isso não é uma prática comum e corriqueira, pelo menos não para mim. Isso faz parte de um contexto contemporâneo que não prioriza pausas e pequenos detalhes. Parando e observando cada coisa, percebi também que elas são cheias de significado, mas no dia a dia nos prendemos a análises rápidas e rasas que nos afastam do fascínio e do encanto delas. Fiquei inquietada com a minha relação com o cotidiano e conseqüentemente também com a relação das outras pessoas com as quais vivo em sociedade. Percebi então como essa inquietação que senti se conectava com a poesia de Manoel de Barros, tão focada nas pequenezas e na natureza.

Por fim, entendi que todos esses pensamentos se encaixavam em uma produção audiovisual. Esse, que é um espaço de observação, facilita a contemplação e imersão que seriam importantes para promover essa reflexão também em outras pessoas.

3. JUSTIFICATIVA

Este projeto se justifica pela intenção de colocar em prática os conhecimentos adquiridos no curso de audiovisual da Universidade de Brasília. Além disso, se justifica por criar uma nova aplicação em um espaço de experimentação, promover novos aprendizados e o desenvolvimento de novas habilidades. Nessa experiência assumi a direção e um papel fundamental na maioria das áreas, aprofundando minha familiaridade com a produção audiovisual e aumentando minha responsabilidade e papel de tomada de decisões.

Destaco também a importância da reflexão poética e do cotidiano que o projeto propõe. Acrescentando a relevância do esforço de produzir um resultado poético e com destaque na linguagem da imagem, entendendo o resultado dessa experiência como uma obra e o resultado de uma construção pessoal, cheia de inspiração e entusiasmo.

4. OBJETIVOS

O objetivo deste projeto é a realização do curta metragem *Uso da Poesia*, com cenas que possam ser assistidas individualmente e que represente elementos simples com carga sentimental, promovendo uma reflexão sobre hábitos cotidianos. Através de uma linguagem cinematográfica e de uma visão poética do ordinário o projeto busca mostrar alguns desses momentos de uma forma artística. O projeto também se propõe a produzir um website onde serão acolhidos os produtos audiovisuais. Ele busca aplicar e demonstrar os conhecimentos adquiridos no curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília com habilitação em audiovisual, além de ser uma produção exibida e difundida.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 MANOEL DE BARROS

Manoel de Barros foi um venerado poeta cuiabano. Sua poesia carrega um verso intuitivo que não se prende à formalidade e ao rigor construtivo. A poesia manoelina apresenta a natureza pelas palavras a partir de uma construção da imagem visual. Isso transporta o leitor para um ambiente como o da poesia através de uma evocação do sentido da visão. Na sua poesia o natural tem grande importância, o que destaca a representação do silêncio por meio da subjetividade lírica. Encontra-se também uma relação com essa natureza que nunca será completa, “como uma impossibilidade de plena comunhão compreensiva com a natureza”.(JR ANDRADE, 2004-2005, p.36)

Essa relação da poesia com a visualidade se relaciona com as reproduções técnicas, como fotografia e o vídeo, que propõe uma diferente visão do real a partir da técnica e podem juntas problematizar o visual e o subjetivo. Ao invés de reproduzir, copiar e de se disfarçar de verdade, a foto e o filme transgridem a barreira do visual e trazem algo novo aos olhos do espectador. “Relação entre a poesia e a visualidade tem a ver com a multiplicidade do visível, das inúmeras maneiras de ver o mesmo objeto e de imaginá-lo”.(JR ANDRADE, 2004-2005, p.39).

O olhar de Manoel é sempre atento ao pequeno e ao detalhe. Ele elabora sua lírica com as desimportâncias e transforma qualquer matéria em poesia. Ele usa como recurso o olhar infantil que não conhece, distorce e muda a realidade. É uma poesia criada com a imaginação, com a criatividade, onde o poeta transvê o real. Cria-se um traço dialético e fértil do olhar. As coisas são desaprendidas para serem reaprendidas e esse processo cria uma relação do mundo interior com o exterior. As ideias e as palavras se desencontram em uma experiência com a linguagem. A poesia manoelina vê o mundo de outra forma e outras formas pelo mundo e nos inspira a fazer o mesmo. É um movimento em direção ao encantamento.

Cada coisa sem préstimo

tem seu lugar

na poesia ou na geral

O que se encontra em ninho de João-Ferreira:

caco de vidro, garrampos,

retratos de formatura,

servem demais para poesia

As coisas que não pretendem, como

por exemplo: pedras que cheiram

água, homens

que atravessam períodos de árvore,

se prestam para poesia

(BARROS, 2001, p. 12)

5.2 VÍDEO, ARTE E TECNOLOGIA

As máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, mas não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes. (GUATTARI apud PRADO, 2003, p. 20)

A imagem eletrônica possui sensibilidade e ao mesmo tempo expõe problemas, abala certezas a nível epistemológico e pede por uma reformulação de conceitos. A mídia eletrônica é parte da cultura e consegue manifestar a complexidade e as contradições contemporâneas com expressividade.

Uma grande referência deste projeto são os videoclipes. Para Salles Jr. apud Machado (1988, p. 170) eles são “uma forma não-narrativa, não-linear, que ganhou o título, nos EUA, de non associative imagery e que em português seria mal traduzida por imagens dissociadas.” Neles a importância e se contar uma história é menor do que a de passar sensações pela imagem, pelo som e pelo ritmo.

A relação entre as artes e as comunicações vem se aprofundando há séculos e atinge uma indissociação na contemporaneidade. Esse vínculo é

ainda mais desenvolvido com o surgimento da cultura digital por causa da convergência das mídias que a constitui. Os produtos nessas mídias apresentam uma intersemiotividade para atingir o público através de uma rica experiência sensório-perceptiva.

A estética do vídeo é um espaço lúdico e de experimentação onde se constrói uma linguagem. “O vídeo também produz uma sensação de intimidade e de extensão do gesto do artista”. (SANTAELLA, 2005, p.54) A relação do audiovisual com a literatura é normalmente restringida às adaptações fílmicas de obras literárias. No caso deste projeto, elas são somadas e incorporadas em um produto final com poder de influência. É traçado um caminho a ser seguido pela sensibilidade.

[Os artistas] Desbravam esses territórios tendo em vista a regeneração da sensibilidade humana para a habilitação e trânsito dos nossos sentidos e da nossa inteligência em novos ambiente que, longe de serem meramente técnicos, são também vitais. (SANTAELLA, 2005, p.67)

Nesse contexto, é maior o interesse no processo de criação artística e na exploração estética e conceitual do que em obras finalizadas. É mais interessante a criação de obras abertas “onde a percepção, a recepção e as dimensões temporais e espaciais representam um papel decisivo na maioria das produções da arte com tecnologia”. (PRADO, 2003, p.15) Assim, há uma interação dos sentidos, uma conexão obra-espectador proporcionada pelo realizador.

“Os computadores e as redes de telecomunicações são indissociáveis da infra-estrutura econômica e de informação deste fim de século”. (PRADO, 2003, p.24) A tecnologia é uma forma de acesso à complexidade do mundo atual. Apesar de algumas vezes esse acesso protagonizar uma perda do sensível, ele pode despertar um olhar afetivo. É perceptível o apelo de trabalhar então com e dentro dessas tecnologias.

Os criadores que trabalham hoje com esses meios crêem estar diante de novas possibilidades e de transformações consideráveis, ou seja, diante de novos desafios. Entretanto, o interesse principal é de trazer

uma visão sensível e crítica com a ajuda dessas novas possibilidades e ao mesmo tempo favorecer e estimular a circulação do imaginário social e coletivo. Desta forma, os artistas podem ajudar a explorar o espaço tecnológico e suas contradições. (PRADO, 2003, p. 24)

A criação não cessa no produto, ela é processo e engajamento, permeando a vivência do espectador. A máquina e a técnica são ferramentas moldadas pelo ritmo e pelo cotidiano de que faz e de quem recebe.

Com efeito, essas manifestações se propõem ou se apresentam como uma maneira efêmera de mostrar uma certa sensibilidade cibernético-contemporânea de realizar experiências de ordem artística, com a elaboração e a prática de diferentes possibilidades no universo da arte eletrônica. Trata-se, sobretudo, de uma dinâmica de erupção dentro de um novo espaço cotidiano. A prática desses intercâmbios experimentais repousa sobre um procedimento de transgressão artística que possibilita condutas que dão livre curso à expressão, ao dinamismo e à pluralidade do conhecimento e do sensível. (PRADO, 2003, p.32)

Os trabalhos nesse âmbito são espaço de reflexão e crítica, promovendo o diálogo e a interação. Em consequência gerando transformação e expondo elementos cotidianos experienciados de outras formas até então. Cria-se um espaço de intercâmbio, troca e presença. Segundo Prado (2003, p. 104), “trata-se de uma forma de trabalhar novas poéticas do dinâmico universo das mídias digitais, explorando suas potencialidades na produção artística e ajudando a estender os limites da criação e realização artística contemporânea”.

5.3 POESIA, VÍDEO E LINGUAGEM

Em grego antigo, *poesis* é *fazer, elaborar, construir*, aquilo que enseja a criação ou a forma de linguagem que possibilita o novo e, a partir desse novo, permite que sejam tecidas as infinitas relações entre os vários níveis da realidade e da existência poeticamente tornada manifesta. (CASTRO e DRAVET, 2014, p. 72)

A poesia faz parte de uma arte terapêutica, que expressa abertura ao outro, remete à ideia de percepção, de escuta do sensível e mágico da natureza. A poesia, que muitas vezes é utilizada como estratégia de criação de

produção e consumo, precisa estar integrada ao meio que irá compor a ação comunicativa para que essa seja plena.

São diversos os sentidos que compõe um filme. Eles têm como função ampliar a visão do espectador sobre o universo que vê retratado.

Acessar a essência poética depende tanto do autor do filme quanto do seu espectador. O autor deve indicar brechas, *vazios de indeterminação*, no transcorrer do filme, para que o espectador por elas acesse o *filme subterrâneo* que, como já dito, não se sustenta em imagens e sons, mas em estímulos sensoriais. (CASTRO e DRAVET, 2014, p.27)

A função do espectador é a de participar da experiência enquanto troca e a do autor é de romper com o olhar natural e enriquecer os sentidos da imagem e do som, assumindo o papel de poeta. O autor não consegue prever o efeito do poético no receptor, mas deve se empenhar em fazê-lo participar da sua vivência e emoção, que será para ele outro aprendizado.

O audiovisual possui um mecanismo que muito se assemelha ao funcionamento da mente humana em sonho, pensamento e devaneio. Essa é uma vantagem que leva o seu consumidor para além do filme físico. Os silêncios e *tempos-mortos*, por exemplo, são tempos de processamento no personagem, dentro do filme e também no espectador na realidade.

“Pensar poeticamente é deixar a poesia conduzir o pensamento”. (CASTRO e DRAVET, 2014, p. 74) A poética tem caráter de mediação imagética e de linguagem, sendo a essência da produção artística. Ela é a busca pela revelação dos significados e das essências. “Se poesia é contemplação do mundo, sensibilidade, imagem, som, ela contempla mundos por ela criados e, sendo assim, vai além da contemplação e se torna experiência, vida, sofrimento, gozo, relato”. (CASTRO e DRAVET, 2014, p. 78) A poesia não é o conforto de uma resposta, o que é não possível, ela é a presença que acompanha a experiência, que media a vida e que promove um novo olhar. É uma linguagem que tem o poder de unir o homem à sua natureza. A religação da pessoa com a realidade acontece através do poético. O nome dado pelo poético nomeia a essência da coisa.

O pensar poeticamente a comunicação pode fazer com que a sensibilidade humana interiorize e exteriorize, absorvendo e se expressando, transformando e se relacionando com o mundo que habita.

O poético reúne o que se encontra fragmentado, interconecta o que se encontra desconexo, religa o que se encontra desligado. O poético, nesse sentido é o operador cognitivo da totalidade. Como paradigma, ele é hoje minoritário no sentido de que não encontra respaldo nas civilizações dominantes. (DRAVET, 2014, p. 107)

Apesar de não ser a linguagem soberana e predominante, a poesia é uma ferramenta que pode ser utilizada para promover uma conexão do espectador com a obra, do espectador com o mundo e da obra com o mundo. Mecanismo de transformação, a linguagem poética é rica em valor e poder, uma grande estimuladora do diálogo. Precisando sempre ser verdadeira.

6. METODOLOGIA

Para falar de algo tão despretensioso como a linguagem poética em Manoel de Barros escolhi simplificar o processo de produção do meu produto. Para mim, não havia sentido em fazer uma grande produção, com uma grande equipe e um grande orçamento, ausente também por outros óbvios motivos. Essa simplicidade permeou o projeto e o produto final, como continuarei abordando. Minha vontade de participar de todas as áreas e aproveitar essa oportunidade de aprender e fazer o máximo possível também se alinou com esse pensamento e, portanto não trabalhei com todas as áreas tradicionais do audiovisual distintas e direcionadas por pessoas diferentes. Essa abordagem ampliou bastante a ansiedade durante a realização do projeto, mas me trouxe um senso de pertencimento de um trabalho como ainda não havia experimentado nas minhas experiências acadêmicas.

6.1 SURGIMENTO DA IDEIA E ESCOLHA DO FORMATO

Decidi o prazo de entrega deste trabalho antes mesmo de saber qual ele seria. Com o aproximar dos semestres finais da graduação, algumas ideias surgiam, mas nenhuma me cativava a ponto de escolhê-la para ser a realizada nesse projeto que carrega tanto peso. Na disciplina de Pré-Projeto, quando tive que propor finalmente o que faria, escolhi fazer uma monografia sobre acessibilidade no cinema. Apesar de ainda me interessar pelo tema, com o passar do tempo e o aprofundar da pesquisa, fui me afastando dele e me desencantando com essa proposta. Comecei então a perceber que o que realmente me afastava daquela ideia era a vontade de realizar um produto nesse trabalho.

Em um dos encontros da disciplina então, a professora Dra. Denise Moraes sugeriu que eu observasse meu cotidiano para encontrar nele algo que me inquietasse. Com um novo olhar nessa investigação do meu dia a dia, me encantei pelos detalhes e pelas pequenas coisas que antes me passavam despercebidas, era um jeito diferente de olhar para o ordinário da rotina. Essa

perspectiva muito me lembrou o trabalho de Manoel de Barros, os “olhos de ver poesia”, o “ver as coisas de azul” e o “transver” tão presentes em suas poesias.

Nesse período fui à exposição Reconvexo Itinerante no Centro Cultural da Caixa. A exposição promovia e difundia o Festival Reconvexo da Bahia e apresentava artistas selecionados na primeira edição do festival com obras que exploravam o videomapping em superfícies diferentes e em pequenos ambientes. Uma das obras era *A Caixa das Memórias Guardadas [The Recollection Box]* de André Amparo. Essa vídeo instalação apresenta imagens de momentos vividos por um casal ao longo de mais de uma década em múltiplas projeções no chamado “mini-cinema” ou “cinema portátil”, onde cinco micro projeções de vídeo (do tamanho de uma fotografia 10cmx15cm aproximadamente) aconteciam dentro de uma caixa de madeira com caixas de som. Essa experiência me proporcionou uma grande reflexão em relação à construção da narrativa, que era semelhante a uma linha de pensamentos e memórias, que traz momentos desse relacionamento e ambientam o espectador na relação e nos sentimentos. Por essa ambientação e essa ligação com o momentâneo, essa obra se tornou um das principais referências do meu projeto e muito influenciou no desejo de fazer algo diferente do usual.

Inspirada e com a ideia em mente, comecei então a pensar no formato do produto. Foram diversas as ideias de configuração da proposta que havia pensado. Decidi pela imagem em movimento por acreditar que o tempo e o som fossem essenciais para localizar o espectador no momento e o familiarizar com ele. Ainda assim, eram muitas as opções de como trabalhar com o vídeo. A vontade de ter os vídeos que representassem cada momento dispostos individualmente surgiu da relação com a vídeo arte e com a projeção. Apesar de essa ser uma área que muito me interessa e que acredito que pode acrescentar a esse produto, seria um enorme desafio a se somar aos outros da produção nessa fase, por isso não a explorei. Escolhi por começar a realizar a produção e ir pensando e explorando a forma de apresentá-la. A decisão final só foi tomada após o final das gravações, com todo o material já em mãos.

6.2 CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA

A construção narrativa nasceu no amontoado de ideias sem forma específica que surgiram após a leitura dos livros *Livro Sobre Nada* e *Matéria de Poesia* de Manoel de Barros. Escolhi trabalhar com esses dois livros ao invés de tentar abranger toda a extensa obra de Manoel de Barros. Acredito que eles representam o que mais me influenciou nesse projeto. A partir dessas ideias foi estruturado um roteiro com cenas independentes que retratam momentos simples ou elementos que pudessem revelar uma carga de significado e emoção e que remetam a prazeres comuns, singelos e que carreguem beleza nos seus detalhes.

A primeira versão do roteiro contemplou a maioria das ideias que foram surgindo sem considerar os aspectos de produção. Durante todo o período da realização essa versão foi sofrendo alterações e adaptações. Essas mudanças foram feitas de forma orgânica e uma versão final fiel ao produto final foi construída a fim de compor essa memória.

Após uma reunião com o professor orientador Dr. Marcelo Feijó, comecei a refletir sobre a forma de inserir a palavra poética de Manoel de Barros para a construção de imagem e som que estava realizando. Essa necessidade surge para aproximar o espectador da proposta poética e para criar uma relação da palavra com a imagem e da imagem com a palavra. Selecionei a poesia *As Lições de R.Q* por sintetizar a mensagem proposta e escolhida, além de apresentar estrutura e tamanho interessantes para o vídeo. Primeiramente, pensei em animar o texto escrito sobre as imagens. Essa ideia demandaria um tempo que eu já não tinha nessa etapa, além de possivelmente criar um afastamento da mensagem das imagens gravadas, que poderiam parecer apenas uma base. A escolha pela narração também me incomodava um pouco, mas alguns fatores me levaram a escolhê-la. Em uma das vezes que saí para gravar sons ambientes, decidi me gravar lendo o poema. Acredito que a despreziosidade dessa gravação tenha contribuído para um resultado interessante e que casasse com o projeto. Também vi, nesse meio tempo, o curta metragem *Mauro em Caiena* de Leonardo Mouramateus onde através de uma carta narrada o personagem fala com seu falecido tio. Essa narração

chamou minha atenção pela sua singeleza e simplicidade, além de ter uma relação muito interessante com as imagens em vídeo. Resolvi então experimentar com a gravação que havia realizado e fiquei muito satisfeita com o resultado.

6.3 ESCOLHA DO ELENCO E DA EQUIPE

Por ser um roteiro que não conta com ações complexas e poucas cenas que precisavam de um sujeito específico, escolhi trabalhar com não atores. Nas cenas em que apareciam apenas parte do corpo, ainda me coloquei na frente das câmeras para realizar alguma ação com os pés, por exemplo. Nas cenas em que o rosto aparecia chamei pessoas próximas. A princípio, atribui à algumas pessoas conhecidas, algumas cenas específicas, tendo uma ou duas opções para cada, e as convidei. Essa decisão, que trouxe uma intimidade maior ao set, não considerou que essas pessoas tinham uma complexa agenda, com diferentes empecilhos e nem sempre poderiam priorizar esse projeto e acabou não facilitando tanto a produção como eu achei que facilitaria. Conteí, então, com a participação da minha irmã, Jhady, de seu namorado, Johan, e da amiga, Beatriz, além da minha participação em alguns momentos. Apesar dos imprevistos, as participações deram muito certo e foram mais do que o suficiente.

Como disse anteriormente, esse projeto não demandava uma grande equipe, mas precisava de harmonia, entrosamento, compreensão do projeto e interesse nele. Foi um contexto bastante diferente, nunca tinha trabalhado em uma equipe tão reduzida, na maioria das vezes eu e mais uma pessoa.

Uma das áreas que tive menos contato durante a graduação foi a da fotografia então sabia que precisaria de muita ajuda nessa esfera. O primeiro nome que veio a minha cabeça foi o da Júlia Seabra, pois além de uma amiga e pessoa muito agradável, ela é talentosa, confiável e dedicada. A convidei então, resumindo um pouco do que seria feito e marcamos uma reunião. Nessa reunião, expliquei melhor o projeto, mostrei referências, conversamos melhor e ela aceitou participar do projeto se dispondo também a ajudar no que mais fosse preciso, o que com certeza fez durante as gravações.

Além da Júlia, quis convidar alguém para me ajudar em qualquer outro aspecto da produção, da pós e até da elaboração do site, aliviando minha carga. Convidei o também amigo, Kildery Oliveira, que já tinha trabalhado comigo em outra equipe e já conhecia o projeto desde que ele tinha surgido. Reunimo-nos, expliquei melhor como seria o projeto e ele aceitou. Mesmo não participando diretamente dos sets, ele sempre esteve disposto e disponível para ajudar e auxiliar as necessidades da realização.

6.4 GRAVAÇÕES

Aqui apresentarei o processo da pré-produção e de realização das gravações no geral. Acredito que assim possa transmitir melhor os eventos e métodos usados, já que não trabalhamos com a separação em áreas durante o processo em si.

Depois de conversar com a equipe, finalmente finalizei o roteiro e coloquei as minhas ideias no papel. Como a comunicação foi constante e eu e a Júlia que estávamos sempre presentes gravando, o roteiro funcionou como um guia do que deveria ser gravado, não pedindo muitos detalhes e com espaço para improvisações. Comecei a estabelecer então quais seriam os objetos de cena e as pessoas necessárias para cada cena. Ao tentar planejar também as locações, percebi que a maioria delas dependeria do plano escolhido, podendo precisar de um amplo campo ou apenas um metro quadrado de grama. Nesse momento, já percebi que muitas cenas seriam muito complexas de se produzir e provavelmente não seriam tão impactantes, as deixei com uma prioridade menor, para se por acaso tivéssemos situações favoráveis ou tempo sobra gravá-las. Um exemplo dessas cenas, que acabou sendo cortada, foi a de chuva leve em um dia de sol.

O próximo passo foi me reunir com a Júlia para fazer uma decupagem do roteiro. Nós duas lemos o roteiro e tivemos algumas ideias antes do encontro e então discutimos os planos cena por cena. O principal objetivo nesse momento foi nos familiarizar com o roteiro e alinhar a nossa forma de vê-lo. A decupagem que nasceu dessa reunião é bem simples e baseada em

alguns esboços. Durante as gravações, ela serviu como um norte, uma noção visual e não como regras fixas.

Conversamos e decidimos também por não trabalhar com movimentos de câmera. Essa ideia tinha nascido da influência da fotografia nesse trabalho e reforça o aspecto de contemplação das ações, objetos e momentos do filme. O recurso utilizado para que as imagens não ficassem sem vida e demasiadamente estáticas foi o uso da câmera na mão na maioria dos planos.

Após essa reunião, pude separar os planos em diárias de acordo com as locações necessárias. Por fim, gravamos cinco dias diferentes em quatro locações.

6.4.1 PRIMEIRA DIÁRIA

A primeira diária aconteceu no Pontão do Lago Sul. O local foi escolhido por ter diversas árvores, espaços naturais e contato com o lago, além de acesso fácil. O Pontão atualmente cobra para que ensaios fotográficos e coisas do tipo sejam realizados lá. No entanto, como esse é um projeto acadêmico e sem cunho comercial, entrei em contato com a administração para pedir uma autorização para gravarmos lá sem pagamento de taxa. A administração aceitou a proposta e pediu para retirar a autorização no dia da gravação que deveria ocorrer entre segunda e quinta-feira. Já no dia, retirei a autorização na administração, apresentei para o chefe da segurança que avisou os demais seguranças. Mesmo assim, fomos abordadas algumas vezes para conferir que estávamos autorizadas a fazer imagens lá.

A câmera utilizada nesse e nos demais dias (com exceção do último, como explicarei depois) foi a Sony NEX-FS700. Ela foi escolhida pela presença de filtros ND, compatibilidade com as nossas lentes, qualidade e disponibilidade. O primeiro contato aconteceu nesse dia, quando tivemos que separar algum tempo para nos acostumarmos e a conhecer melhor.

A ideia inicial era de captar o som de cada plano, com um microfone direcional embutido na câmera e também captar sons ambiente com o gravador Zoom H6. Mantivemos a gravação pela câmera, mas as gravações

ambiente com o gravador captavam muito ruído de carros e de música das lanchas. Então a solução encontrada foi captar ambientação em outro momento.

Minha amiga Beatriz participou de uma das cenas nesse dia. A ação dela era a de contemplar o horizonte enquanto o vento batia nos seus cabelos. Apesar de estar ventando esse dia, no momento de gravarmos essa cena o vento não era o suficiente. Precisei usar uma folha de papel panamá que havia levado para criar mais movimento.

Esse local foi onde decidimos gravar também a cena em que os postes se acendem enquanto o sol se põe. Parando para observar com calma, são poucos os locais onde essa cena poderia ser feita, já que a maioria dos postes tem muitos fios, são muito distantes entre si e próximos de outras construções. No Pontão encontramos uma área parecida com o que tínhamos imaginado. Um dos estacionamentos no extremo da locação tinha uma área fechada para carros onde posicionamos a câmera no tripé e esperamos pelo pôr-do-sol. No entanto, com o passar do tempo vimos que já estava escurecendo e outras luzes já estavam acessas. Perguntei para o vigia mais próximo e ele disse que aqueles postes nem sempre eram acesos e quando eram era apenas perto das 20h, quando já estaria escuro e não teríamos o efeito desejado. Resolvi deixar essa cena de lado e ela acabou não sendo gravada depois. Acredito que essa cena possa ficar bem interessante, mas possuía algumas especificidades e só podia ser gravada uma vez por dia em um horário específico.

6.4.2 SEGUNDA DIÁRIA

Para a segunda diária usamos a minha casa, em que poderíamos fazer a cena interna da cama e as externas. Além de ser apropriada para as cenas, gravar em casa traz facilidades óbvias. As cenas que gravamos nesse dia precisavam de mais objetos de cena específicos, como sapatos, rede, toca discos e cobertor. Realizar essas cenas em um dia e locação facilitou a logística do transporte dessas coisas.

Para as cenas de sorriso e de carinho, chamei minha irmã e seu namorado. A cena do carinho deu muito certo e é uma das minhas favoritas, já

a do sorriso nem tanto. Percebi ao gravar essa cena um outro problema de trabalhar com não profissionais na atuação. Por a ação da cena ser simples, apenas uma pessoa sorrindo, pensei que seria fácil. No entanto, faltava veracidade, o riso parecia falso. Repetimos algumas vezes, mas a repetição não ajudava. Acabei parando e a cena quase não entra no corte final. Ao analisar as cenas, vi que elas realmente não transmitiam sentimento, mas no final de um plano minha irmã havia sorrido espontaneamente por algum outro motivo e é essa sequência que usei.

Uma cena que acabou não sendo usada foi a de uma rede balançando. A ambientação não combinou com a estética do vídeo e apesar de muito trabalho escolhendo um plano que funcionasse, nossas opções eram muito restritas e a cena acabou não transmitindo sua proposta de tranquilidade, calma e descanso.

Tivemos problema ainda com outra cena, mas como tinha maior importância e até facilidade de ser refeita, a regravamos. A cena é a do vinil rodando no toca-discos e foi gravada na grama do quintal. Como a gravação foi externa, a luz do sol refletiu muito no disco e no braço da agulha. No momento não percebi, mas havia estourado e não ia dar para usá-la.

Um último problema dessa diária foi que uma amiga, que tinha marcado de fazer a cena em que uma pessoa está deitada na grama, desmarcou em cima da hora porque ficou doente. Adaptei essa cena e também a regravamos depois.

Fui então para a garagem, onde há algumas árvores com insetos e pássaros que produzem um som mais suave que no quintal. Usando o gravador, captei som ambiente, som de passos pela grama e fiz a gravação da locução. Os carros atrapalhavam e causaram ruído quando passavam, mas isso não atrapalhou muito o resultado final.

6.4.3 TERCEIRA DIÁRIA

A terceira diária foi a mais curta de todas. Nesse dia fomos à casa da Júlia de Lannoy, que tem uma grande cortina, para a cena que o vento bate no

tecido. Lá, uma das paredes é formada toda por portas de vidro. As abrimos e arrumamos as cortinas. No entanto, não ventava muito e a ideia inicial era que as cortinas inflassem e se mexessem bastante. Ao tentarmos fazer vento atrapalhávamos a iluminação, que variava muito. Decidi então pelo movimento leve causado pelo vento natural, por mexermos na cortina e pelo vento que ainda balançava as cortinas depois de pararmos.

Ainda planejávamos gravar outras cenas, mas já estava escurecendo e resolvemos encerrar o dia.

6.4.4 QUARTA DIÁRIA

A quarta diária também não foi muito longa. Novamente na minha casa, regravamos as cenas com o vinil que tinham tido problemas de iluminação. Dessa vez, achei melhor gravarmos dentro de casa, tanto para evitar o mesmo problema, quanto para fazer com o chão de madeira, que percebi que ornaria esteticamente sem prejuízos de significado.

Gravamos também uma cena que seria de uma pessoa com os pés mergulhados na piscina. Essa cena não estava no roteiro e foi uma experiência que fizemos, mas não ficou esteticamente agradável e trazia um tom sintético que não combinava com o tom do projeto.

Nesse dia ainda íamos fazer algumas imagens externas, mas começou a chover bastante então tivemos que cancelar.

6.4.5 QUINTA DIÁRIA

No quinto e último dia de gravação fomos para a locação que seria mais complexa. Gravamos na Cachoeira do Urubu as imagens que precisávamos de água correndo por um rio. Gravaríamos também uma cena de uma pessoa sob a queda d'água que foi cortada, pois o dia estava muito frio e ameaçando chuva.

Pensamos muito sobre um local para fazer essas imagens, mas muitos eram fora de Brasília, tinham longas trilhas ou não eram como gostaríamos. Perto do prazo final que estabeleci para gravarmos, o Kildery sugeriu a Cachoeira do Urubu, que ele também não conhecia, mas um amigo que

morava perto indicou. Pesquisamos bastante sobre as condições do lugar e de como chegar lá e decidimos por fazer lá mesmo.

Encontrei-me com a Júlia na Asa Norte e de lá fomos juntas para a cachoeira, que fica no Lago Norte. Fomos em um dia de semana pela manhã para garantir que não haveria muita gente por lá. O acesso ao local foi tranquilo e a trilha até a cachoeira pequena e sem instabilidades. Nosso maior receio foi em relação a nossa segurança, afinal éramos só nós duas em um local desconhecido, vazio e isolado. Sondamos o local e, apesar de um pouco de insegurança, não tivemos problemas.

Nesse dia, usamos a câmera da Júlia, uma Canon 5D. Essa troca aconteceu por essa câmera ser mais fácil de transportar, já que não sabíamos as condições que encontraríamos.

Aproveitamos e gravamos o som do rio com o gravador. Os arquivos ficaram com qualidades diferentes, enquanto alguns puderam ser usados, outros captaram muito o som de cigarras ao fundo.

6.5 PÓS PRODUÇÃO

A pós-produção era uma das áreas que mais ansiava poder trabalhar. Já tive contato com a área, principalmente na edição, mas apesar de ter me interessado por ela, não tenho muita experiência. Essa foi uma chance de experimentar e me aventurar, mesmo não sendo ideal.

O principal desafio dessa fase do projeto foi o tempo. As gravações acabaram demorando mais tempo que eu esperava. O prazo não permitiu que eu me debruçasse e cuidasse de cada detalhe da pós-produção como eu gostaria. O tratamento de cor, por exemplo, é algo que eu tinha planejado e queria ter feito em todo o material para aprender e para trazer maior unidade às imagens. No entanto, assim que comecei a edição percebi que isso não seria factível e trabalhei apenas em alguns planos em que isso era mais necessário. Explicarei melhor mais abaixo.

Cheguei até a me arrepender de ter escolhido fazer eu mesma todo o processo da pós-produção. Além do prazo curto e da dificuldade com a técnica,

tive um bloqueio inicial ao tentar abstrair e chegar a um resultado novo através da montagem e da edição de imagem e som. Entretanto, com a dedicação e o ritmo do trabalho, percebi que a escolha foi acertada, já que aproveitei a oportunidade que queria experimentar.

Após cada uma das diárias, eu descarreguei o material dos cartões de memória e fiz backup. Separei as imagens por dia de gravação.

O programa utilizado para a edição foi o Adobe Premiere e meu primeiro passo foi colocar nele todas as imagens. Já no programa comecei o processo de seleção eliminando as imagens com algum problema ou que não funcionavam junto com as demais. Depois, dentre as que eram muito parecidas selecionei as melhores.

Por ter tido um roteiro que funcionou mais como um guia das gravações, tive muita liberdade criativa nesse momento da montagem, podendo experimentar para descobrir como melhor passar a ideia principal. Selecionei então partes de cada um dos takes separados e coloquei na timeline. Lá, comecei a testar com opções diferentes. Montei um esboço e fui procurar a trilha.

Gostaria de ter usado música de *creative commons* ou até feito uma trilha especialmente para o vídeo, mas acabei pesquisando na internet em alguns sites e aplicativos. A música escolhida é uma versão sem a voz da música Ben do Rubel que encontrei no *Youtube*. A ideia é que eu ainda possa usar uma das primeiras opções e substituir a música no vídeo. Para essa versão, no entanto, fiquei feliz com a trilha encontrada.

Agora, trabalhando as imagens junto com a trilha, pude as adaptar melhor. Escolhi por começar e terminar o vídeo com ações com o toca disco. No início, o disco começa a tocar e no final o disco termina. Acredito que essa construção 'amarra' bem a narrativa do vídeo. Porém, fiquei preocupada com o sentido literal dessas imagens, já que o disco não tocaria todo no tempo do vídeo. Perguntei então para algumas pessoas e elas disseram não se incomodar com isso. Acredito que as imagens funcionam e não ficam presas nesse sentido literal.

A partir daí comecei a trabalhar com os sons. Essa etapa foi bastante complexa e contou também com muita experimentação. Além da faixa da trilha, criei uma faixa com os sons do toca disco, que contém os sons da agulha e o chiado típico desse tipo de reprodução que está presente por todo o vídeo. O próximo passo foi colocar a narração. Acho que a principal mudança feita foi no ritmo de algumas pausas da fala. Essa gravação foi feita no exterior da casa e acabou ficando com sons de cigarra. Por não conseguir limpar esses sons, tentei mesclá-los com outros sons da natureza que coloquei em seguida, deixando mais natural. Os sons da natureza são os sons ambiente que tinha gravado no meu quintal. Criei uma faixa para a ambientação e ela está presente na maior parte do vídeo. Usei também outros sons mais específicos em algumas cenas. O som de pés na grama, por exemplo, foram usados, mas não queria que ficassem em evidência, logo, eles fazem parte também da ambientação. Esses sons aparecem duas vezes, em uma delas a gravação foi feita por mim e em outra foi usada uma versão de banco de som. A mesma coisa aconteceu nos sons da água. Enquanto consegui usar algumas gravações que tinha feito, outras tinham muito som de insetos.

Como não tenho muita experiência e conhecimento nessa área, trabalhei principalmente com a hierarquia de volume dos diferentes sons e gradações, em *fade-ins* e *fade-outs*.

Como havia falado antes, fiz correção de cor em três planos diferentes. As fiz no próprio Adobe Premiere e de forma bem simples. Dois deles eram imagens de árvores que tinham ficado muito azuladas. Usei o recurso *tint* com a cor amarela e pouca opacidade para equilibrar a cor. Já a outra imagem, a qual não fiquei tão feliz com o resultado, estava muito amarela e com as cores saturadas. Precisei mexer em outros aspectos da imagem e acho que o resultado poderia ter ficado mais natural.

6.6 SITE

A construção do site foi uma etapa complicada. Não tenho conhecimento de programação e por não precisar de uma construção muito elaborada, escolhi usar a ferramenta Wix. Ela é um site de fácil manejo e que abrange

todas as áreas necessárias para a construção de uma página. Constei com a ajuda do Kildery nessa fase. Escolher uma ferramenta simplificada trouxe algumas limitações. Foi preciso tempo e calma para conseguir construir um *layout* e um site que funcionassem como o planejado.

O site, que pode ser acessado em www.usodapoesia.com, tem um layout simples e organizado, onde se pode ver todo o conteúdo em uma única página pela barra de rolagem. A estrutura usou como base uma das opções do Wix, mas foram feitas diversas alterações.

O principal elemento é o vídeo Uso da Poesia. Ele se encontra no centro da tela logo que o site é aberto e ocupa uma grande parte do monitor. A reprodução começa imediatamente fazendo com que a pessoa que está acessando o site foque nesse item.

Abaixo do vídeo há uma pequena descrição do projeto, semelhante ao resumo presente neste trabalho e uma introdução da parte seguinte. O texto explica que cada cena separada está presente imediatamente abaixo com o objetivo de permitir uma observação individual de cada momento.

As cenas estão colocadas em miniaturas e organizadas aleatoriamente. Ao passar o mouse sobre uma delas, o vídeo começa a passar. O usuário tem a opção de marcar com um coração as cenas que mais gostar. Esse foi o elemento mais problemático de trabalhar. Eram muitos vídeos e para conseguir colocá-los no site era preciso usar um aplicativo dentro do Wix. Testamos vários desses aplicativos que tinham diversos problemas, não se adaptavam à estética ou precisavam de um pagamento complementar. Optei pelo Wix Pro Gallery um recurso do próprio Wix feito pensando primeiramente a fotografia. O principal problema, depois de ter dificuldade para conseguir fazer o upload dos vídeos para a plataforma, foi a falta de responsividade. A galeria acaba podendo cortar alguns elementos e exibir reticências se a tela for muito pequena ou deixar um grande espaço vazio se ela for muito grande. Trabalhei com um meio termo, me adaptando para diminuir o máximo possível essa variação, mas esse quesito, segundo o suporte do Wix, ainda está sendo trabalhado por eles.

O elemento seguinte é a poesia As lições de R.Q. de Manoel de Barros, presente no vídeo. Ela está sobre um frame do vídeo que retrata o tronco de uma árvore.

O último elemento é um espaço de interação, onde o usuário pode mandar suas opiniões e comentários. Apesar de simples, essa foi uma opção utilizada para aumentar o contato e o diálogo com o projeto.

Foi criada uma versão mobile que adapta a versão desktop. Apesar de não ser a opção principal, ela funciona e possui todos os mesmos elementos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram várias as decisões que tiveram que ser tomadas ao fazer esse filme. Desde a primeira ideia, o primeiro roteiro, a primeira diária, todas as decisões foram minhas. Algumas foram mais fáceis, mais simples que outras. Umas me incomodaram por meses. Mas todas foram tomadas. Por mim. Escolhi esse desafio para poder realmente me realizar no meu produto final e, apesar de difícil, encerrar esse Projeto Experimental como o projeto *experimental* que ele realmente é, uma oportunidade de criar, errar, aproveitar o percurso e aprender. Pude colocar minhas habilidades a teste, superar inseguranças, ter novas vivências e adquirir novos conhecimentos. Espero que essa ideia, que demorou tanto pra sair da minha cabeça, depois tanto pra sair do papel, me inspire a não perder tempo nas próximas vezes e a aceitar as condições e desafios para me arriscar a realizar.

Obviamente, nem tudo correu como o esperado e o planejado, mas nessas situações é que estavam as maiores chances de aprendizado e crescimento. Em diversos momentos fiquei nervosa, agoniada e abalada, mas hoje me sinto mais disposta a aprender e a fazer em novos projetos. Vejo que apesar dos percalços, e também por causa deles, meu projeto está pronto e dele me orgulho. Ele foi feito. E apesar de ainda ter um caminho pela frente, com algumas refações, mudanças, melhoras e novos horizontes a desvendar, a sensação é de dever cumprido. O olhar poético me acompanhará pelas minhas novas empreitadas.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

ANDRADE JUNIOR, Antônio Francisco de. Com olhos de ver: poesia e fotografia em Manoel de Barros. **Caderno de Letras da UFF**, Rio de Janeiro, n. 30-31, p.35-47, 2004-2005.

BARROS, Manoel de. **Livro Sobre Nada**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BARROS, Manoel de. **Matéria de Poesia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

CASTRO, Gustavo de; DRAVET, Florence. **Comunicação e Poesia: itinerários do aberto e da transparência**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

DRAVET, Florence. **Crítica da Razão Metafórica: Magia, mito e poesia na cultura contemporânea**. Brasília: Casa das Musas, 2014.

MACHADO, Arlindo. **A Arte do Vídeo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

MARQUES, Bruna Arruda Neiva. **Não te moves de ti: fotografia como suporte para a imaginação e os sonhos como matéria de poesia**. 2013. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Corpos Informáticos: arte, corpo, tecnologia**. Brasília: Ed. Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2006.

PRADO, Gilbertto. **Arte Telemática: dos intercâmbios pontuais aos ambientes virtuais multiusuários**. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

Videográficas e Filmográficas

CARTÃO Postal. Realização de Antonio de Paula Ternura e Rafael Pentead. Intérpretes: Apanhador Só. Música: Cartão Postal. Gravataí, 2012. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qskeD0d11oc>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

DE Passagem. Direção de João Seguro. Intérpretes: Cícero. Música: de Passagem. São Paulo, 2016. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nkfh_xeZJGA>. Acesso em: 27 nov. 2016.

DETAILS. [s.i.]: Applicata Studio, 2011. Son., color. Disponível em: <<https://vimeo.com/27615934>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

MAURO em Caiena. Direção de Leonardo Mouramateus. Brasil, 2012. Son., P&B. Disponível em: <<https://vimeo.com/45523211>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

NESCAFÉ. Direção de Bruno Carboni. Produção de Paola Wink, Richard Tavares, Roberta Sant'anna e Isadora Victora. Intérpretes: Apanhador Só. Roteiro: Bruno Carboni. Música: Nescafé. [s.i.]: Tokyo Filmes, 2012. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=d8YMkrZBfZY>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

O FABULOSO Destino de Amélie Poulain. Direção de Jean-pierre Jeunet. França: Lumière, 2001. Son., color.

ROTA. Direção de Daniel de Bem. Realização de Daniel de Bem. Intérpretes: Apanhador Só. Música: Rota. Fortaleza: Filmes do Deserto, 2015. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vcMjMqXz1jk>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

THE Recollection Box. Direção de André Amparo. Den Haag, The Netherlands: 2011. Vídeo instalação, son., color. Disponível em: <<https://vimeo.com/28909212>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

YES and Nothing Less. Direção de Tiago Iorc, Rafael Kent. Intérpretes: Tiago Iorc. Música: Yes And Nothing Less. [s.i.]: Okent Filmes, 2013. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QqglHeHReoM>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

ANEXOS

Anexo 01 – Roteiro (primeira versão)

Anexo 02 – Roteiro (versão de apresentação do projeto)

Anexo 03 – Exemplo de decupagem

Anexo 04 – Trechos de Manoel de Barros escolhidos

Anexo 05 – Lista de links

Anexo 06 - CD

Anexo 01

PROJETO EXPERIMENTAL

LUANA GANDRA

PROJETO EXPERIMENTAL EM AUDIOVISUAL

luanagandrac@gmail.com

(61)996952489

CENA 01. EXT. ESTRADA - DIA

Duas PESSOAS conversam felizes sentadas no meio fio de uma estrada. Atrás delas há um campo.

CENA 02. EXT. PARQUE - DIA

MULHER está com a cabeça deitada no colo de HOMEM, que faz cafuné no seu cabelo/nuca.

CENA 03. EXT. RUA - DIA

Luzes do poste se acendem enquanto o sol se põe.

CENA 04. EXT. FAZENDA - DIA

PESSOA balança os pés descalços em cima do galho de uma árvore.

CENA 05. EXT. PARQUE - DIA

MULHER tira as sapatilhas e coloca os pés descalços na grama.

CENA 06. INT. QUARTO - DIA

Luz do sol entra pela janela e ilumina partículas de poeira que 'dançam' no ar.

CENA 07. INT. QUARTO - DIA

Vento entra pela janela e cortina de tecido se movimenta.

CENA 08. EXT. PARQUE - DIA

Árvore grande e com casca grossa e em pedaços.

CENA 09. EXT. QUINTAL - DIA

Pessoa deitada na rede balançando

CENA 10. EXT. RIO - DIA

Águas do rio correm.

CENA 10. EXT. RIO - DIA

Pessoa em pé em uma pedra enquanto as águas do rio correm ao redor dela.

CENA 11. INT. QUARTO - DIA

Cama de casal com dois travesseiros e um edredom branco amassado após ser usada em um quarto iluminado pela luz do sol.

CENA 12. EXT. FAZENDA - DIA

Pássaro fica pousado em uma árvore.

CENA 13. EXT. PARQUE - DIA

Pessoa sentada de pernas cruzadas na grama passa a mão nas folhas.

CENA 14. EXT. QUINTAL - DIA

Dia de sol com chuva leve caindo.

CENA 15. EXT. QUINTAL - DIA

Toca discos na grama com vinil rodando.

CENA 16. EXT. PARQUE - DIA

Pessoa lê um livro amarelado com uma página com o canto dobrado.

CENA 17. EXT. PARQUE - DIA

Cabelo de MULHER é soprado pela brisa.

CENA 18. EXT. PARQUE - DIA

Pessoa sorri e o seu olho diminui.

CENA 19. INT. COZINHA - DIA

Pessoa serve água quente em uma xícara com um saquinho de chá.

CENA 20. EXT. CACHOEIRA - DIA

Pessoa fica embaixo da queda da cachoeira.

CENA 21. INT. CARRO - DIA

Pessoa olha feliz pela janela do carro onde se vê um cenário de estrada com fazendas e plantações.

Anexo 02

USO DA POESIA

LUANA GANDRA

PROJETO EXPERIMENTAL EM AUDIOVISUAL

luanagandrac@gmail.com

(61)996952489

CENA 01. INT. QUARTO - DIA

Toca disco com a agulha no início do vinil antes do começo até a o disco e girando e a música começar. Música Ben de Rubel instrumental toca

CENA 02. EXT. PARQUE - DIA

Árvore grande e com casca grossa e em pedaços.

CENA 03. INT. QUARTO - DIA

Vento na cortina de tecido que se movimenta.

CENA 04. EXT. PARQUE - DIA

PESSOA passa página de livro que está apoiado em seus joelhos.

NARRADORA

(VOICE OVER)

Aprendi com Rômulo Quiroga

Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):

A expressão reta não sonha.

Não use o traço acostumado.

A força de um artista vem de suas derrotas.

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um
formato de pássaro.

Arte não tem pensa:

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.

Isto seja:

Deus deu a forma. Os artistas desformam.

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades.

Fazer cavalo verde, por exemplo.

Fazer noiva camponesa voar - como em Chagall.

Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por
Aí a desformar.

CENA 05. EXT. PARQUE - DIA

Árvore grande com casca grossa e em pedaços.

CENA 06. EXT. PARQUE - DIA

Pessoa sorri e o seu olho diminui.

CENA 07. INT. QUARTO - DIA

Cama de casal com dois travesseiros e um cobertor com
lençol amassados após serem usados em um quarto iluminado
pela luz do sol.

CENA 08. EXT. RIO - DIA

Águas do rio correm.

CENA 09. EXT. RIO - DIA

Pedras no fundo do rio

CENA 10. INT. QUARTO - DIA

cobertor com lençol amassados após serem usados em um
quarto iluminado pela luz do sol em plano detalhe.

CENA 11. EXT. PARQUE - DIA

Cabelo de MULHER é soprado pela brisa.

CENA 12. INT. QUARTO - DIA

Vento bate na cortina de tecido que se movimenta e revela uma cadeira atrás dela.

CENA 13. EXT. PARQUE - DIA

Casca de árvore com musgo.

CENA 14. INT. QUARTO - DIA

Cobertor com lençol amassados após serem usados em um quarto iluminado pela luz do sol em plano mais próximo que na cena 10

CENA 15. INT. QUARTO - DIA

MULHER está com a cabeça deitada no colo de HOMEM, que faz cafuné no seu cabelo.

CENA 16. EXT. RIO - DIA

Pessoa com os pé em uma pedra enquanto as águas do rio correm por ela.

CENA 17. EXT. PARQUE - DIA

Pessoa deitada na grama.

CENA 18. EXT. PARQUE - DIA

MULHER tira as sapatos e coloca os pés descalços na grama.

CENA 19. EXT. RIO - DIA

Águas do rio correm.

CENA 20. INT. COZINHA - DIA

Pessoa serve água quente em uma xícara com um saquinho de chá.

CENA 21. EXT. PARQUE - DIA

Livro aberto sobre a grama tem páginas assopradas pelo vento enquanto. DUAS PESSOAS caminham próximo ao livro e a sombra delas aparece.

CENA 22. INT. QUARTO - DIA

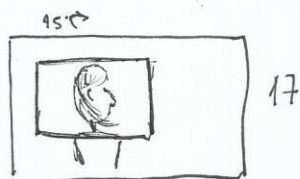
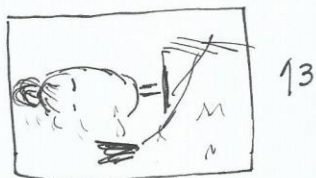
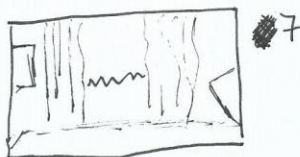
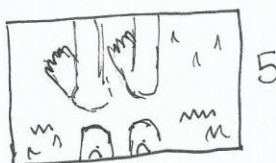
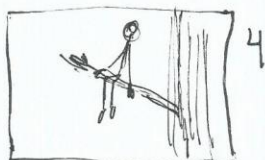
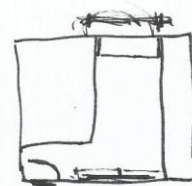
Vinil no toca discos acaba a última música. Música para e a agulha é colocada de volta no lugar.

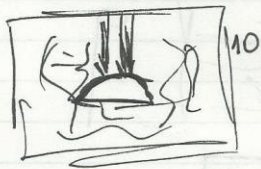
Anexo 03



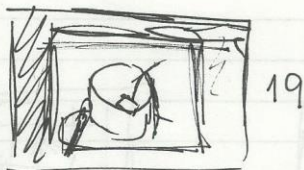
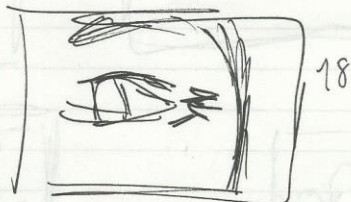
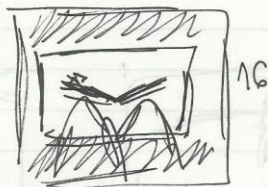
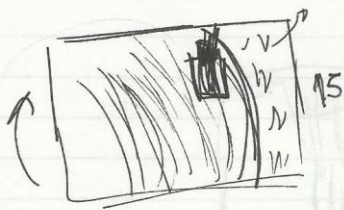
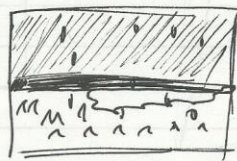
ω

ÁRVORE
UNB





- salto do Teronó
- poço agul



Anexo 04

MATÉRIA DE POESIA

[15]

As coisas sem importância são bens de poesia

[20]

À margem das estradas

Secavam palavras no sol como os lagartos

Passavam brilhantina nos bezerros. E

Transportavam lábios de caminhão...

[26]

Poesia é a loucura das palavras:

Na beira do rio o silêncio põe ovo

Para expor a ferrugem das águas

eu uso caramujos

Deus é quem mostra os veios

É nos rotos que os passarinhos acampam!

Só após de virar traste que o homem é poesia...

[32]

Quem anda no trilho é trem de ferro

Sou água que corre entre pedras:

- liberdade caça jeito

[41]

PASSEIO Nº 4

O homem se olhou: só o seu lado de fora subindo

a ladeira...

Caminhos que o diabo não amassou – disse.

Atrasou o relógio.

Viu um pouco de mato invadindo as ruínas de sua boca!

[49]

Batiam latas lá fora

Abriam o rádio e o coração até o fim...

[53]

PÁSSARO

Rios e mariposas

Empenhados de sol

Eis um dia de pássaro ganho

[55]

MATÉRIA

O pente e o vento

Resíduos do mar

Pétalas de peixes

[61]

COMPOSIÇÃO

A espuma é que me compõe:

Cada muleta

Com o seu rengo.

[Orelha]

O leitor encontrará aqui, em Matéria de poesia, muita matéria e muita poesia. Matéria para um novo (um des-) aprendizado das coisas. Poesia para ver o mundo pelo avesso, e o avesso pelo mundo, para que as pessoas possam, “em pleno uso da poesia”, funcionar “sem apertar o botão”. O resto é luz, é segredo, é mistério, é encantamento. – Adalberto Muller Jr.

LIVRO SOBRE NADA

[7]

Pretexto

O que eu gostaria de fazer é um livro sobre nada. Foi o que escreveu Flaubert a uma sua amiga em 1852. Li nas Cartas exemplares organizadas por Duda Machado. Ali se vê que o nada de Flaubert não seria o nada existencial, o nada metafísico. Ele queria o livro que não tem quase tema e se sustente pelo estilo. Mas o nada de meu livro é nada mesmo. É coisa nenhuma por escrito: um alarme para o silêncio, um abridor de amanhecer, pessoa apropriada para pedras, o parafuso de veludo, etc etc. O que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas desúteis. O nada mesmo. Tudo que use o abandono por dentro e por fora.

[32]

12.1

Choveu de noite até encostar em mim. O rio deve estar mais gordo. Escutei um perfume de sol nas águas.

1.3

As árvores me começam.

1.4

Uma violeta me pensou. Me encostei no azul de sua tarde.

[41]

3.

Não é por me gavar

mas eu não tenho esplendor.

Sou referente pra ferrugem

mais do que referente pra fulgor.

Trabalho arduamente para fazer o que é desnecessário.

O que presta não tem confirmação,

o que não presta, tem.

Não serei mais um pobre diabo que sofre de nobrezas.

Só a coisas rasteiras me celestam.

Eu tenho cacoete para vadio.

As violetas me imensam.

[45]

5.

Sou um sujeito cheio de recantos.

Os desvãos me constam.

Tem hora leio avencas.

Tem hora, Proust.

Ouço aves e beethovens.

Gosto de Bola-Sete e Charles Chaplin.

O dia vai morrer aberto em mim.

[53]

9.

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá
mas não pode medir seus encantos.

A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem
nos encantos de um sabiá

Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam.

[55]

10.

Mosca dependurada na beira de um ralo –

Acho mais importante do que uma jóia pendente.

Os pequenos invólucros para múmias de passarinhos
que os antigos egípcios faziam

Acho mais importante do que o sarcófago de Tutancâmon.

O homem que deixou a vida por se sentir um esgoto –

Acho mais importante do que uma Usina Nuclear.

Aliás, o cu de uma formiga é também muito mais

Importante do que uma Usina Nuclear.

As coisas que não têm dimensões são muito importantes.

Assim, o pássaro tu-you-you é mais importante por seus pronomes do que por seu tamanho de crescer.

É no ínfimo que eu vejo a exuberância.

[57]

11.

Prefiro as máquinas que servem para não funcionar:

Quando cheias de areia de formiga e musgo – elas
podem um dia milagrar de flores.

(Os objetos sem função têm muito apego pelo abandono.)

Também as latrinas desprezadas que servem para ter
grilos dentro – elas podem um dia milagrar violetas.

(Eu sou beato em violetas.)

Todas as coisas apropriadas ao abandono me religam
a Deus.

Senhor, eu tenho orgulho do imprestável!

(O abandono me protege.)

[69]

Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore.

.

Peixe não tem honras nem horizontes.

.

Sempre que desejo contar alguma coisa, não faço nada;
mas quando não desejo contar nada, faço poesia.

[71]

Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo

para ser séria.

.

Não preciso do fim para chegar.

.

Do lugar onde estou já fui embora.

[75]

As lições de R.Q.

Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):

A expressão reta não sonha.

Não use o traço acostumado.

A força de um artista vem das suas derrotas.

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um

formato de pássaro.

Arte não tem pensa:

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo:

Isto seja:

Deus deu a forma. Os artistas desformam.

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades.

Fazer cavalo verde, por exemplo.

Fazer noiva camponesa voar – como em Chagall.

Agora é puxar o alarme do silêncio que eu saio por aí a desformar.

Anexo 05 – Lista de links

<http://www.usodapoesia.com/>

Este site faz parte do projeto e nele se encontram os vídeos, a poesia utilizada neles, uma pequena descrição do projeto e uma área de contato.

<https://vimeo.com/193395889>

Este link do site Vimeo contém o vídeo Uso de Poesia.

<https://vimeo.com/luanagandra>

Este link do site Vimeo contém acesso ao vídeo Uso de Poesia e a todas as suas cenas em vídeos separados individualmente.

Anexo 06 - CD

O CD entregue anexo a este trabalho escrito contém o vídeo Uso da Poesia, produto realizado como Projeto Experimental.